



O LEGADO CULTURAL NA REGIÃO DO CONTESTADO

The Cultural legacy in the region of Contestado

Eline Farias da Silva¹
Daiane Cirilo de Souza²
Sandra Maria Almeida Cordeiro³

Recebido em: dezembro de 2018

Aceito e publicado em: dezembro de 2019

Resumo: Este artigo apresenta aos leitores, o legado cultural na região do vale do contestado, em especial, de um povo que busca em sua luta e participação no seu território, lembrar e manter a tradição do grande genocídio ocorrente nos estados do Paraná e Santa Catarina. Mais de 100 anos de história, ainda traz um povo marcado em suas atitudes e simbolismos. Aborda a resistência de municípios interligados e o esquecimento de todo um País. Uma história de perseguição atual, envolvendo relações de poder, o cotidiano das pessoas e sua vivência contemporânea, que está intrinsecamente envolvida com várias gerações. Um povo que traz em seu cotidiano, o simbolismo retratado em suas falas. Assim este artigo retrata através de referências bibliográficas, e trabalho de campo, a vivência de uma viagem até o Vale do Contestado, a relação de conflitos e poder no território, que tem sido cultuado ao longo de décadas, sendo lembrados por seus descendentes e sucessores, de geração em geração, até conquistarem sua verdadeira identidade histórica.

Palavras-chave: Território; Guerra do Contestado; genocídio

Abstract: *This article presents to the readers, the cultural legacy in the region of the contested valley, especially of a people who seek in their struggle and participation in their territory, remembering and maintaining the tradition of the great genocide occurring in the states of Paraná and Santa Catarina. More than 100 years of history, it still brings a people marked in their attitudes and symbolisms. It discusses the resistance of interconnected municipalities and the forgetfulness of a whole country. A history of current persecution, involving relations of power, the daily lives of people and their contemporary experience, which is intrinsically involved with several generations. A people who bring in their daily lives, the symbolism depicted in their speeches. Thus this article depicts through bibliographical references, and fieldwork, the experience of a trip to the Vale do Contestado, the relationship of conflicts and power*

¹ Formada em Serviço Social pela Universidade Estadual Londrina - UEL/PR e estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Serviço social e Políticas Sociais na Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR

² Formada em Serviço Social pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana - FECEA e estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Serviço social e Políticas Sociais na Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Política Social, Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR

in the territory, which has been cultivated over decades, being remembered by its descendants and Successors, from generation to generation, until they conquer their true historical identity.

Keywords: *territory; Contested war; Genocide*

INTRODUÇÃO

A região do Contestado, localizada entre os Estados de Paraná e Santa Catarina, retrata um dos mais tristes episódios da história desse país. Marcado pelo descompromisso político do Estado com os moradores daquele território, na qual evidenciam-se as relações de poder debeladas pela prevaência dos interesses de grupos dominantes, apoiados no discurso do desenvolvimento econômico. Contexto no qual foram desconsideradas as formas de vida do povo caboclos, espoliados de maneira violenta e cruel.

A Guerra do Contestado teve seu início em 1912, estendendo-se até 1916, para muitos, se resume em uma disputa de terras, na qual os moradores da época eram os caboclos, que se rebelaram contrários a República e a nova colonização. No entanto considera-se, como um genocídio camponês, como afirma Fraga (2015), não retratada pela história oficial deste país a real conjuntura na qual ocorreram os fatos na íntegra. Nessa perspectiva considera-se como a luta de um povo pela vida e por sobrevivência, deturpada como fanatismo desordenado.

Durante aulas ministradas na disciplina⁴ de pós-graduação de Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina com o intuito de abordar temas relacionados de território, territorialidade, espaço territorial, lutas e participação social no território, este artigo aproxima-se através dos conceitos apreendidos para contribuir à leitura da região do Vale do Contestado. A partir de elementos constitutivos da realidade descrever brevemente o conceito de território, relatando a experiência vivenciada na Região do Contestado, especificamente o seu legado cultural.

As reflexões aqui suscitadas descrevem algumas aproximações ao conceito de território, para a qual levanta-se um referencial teórico a partir desse conteúdo e a relação por autores diversos o que muito contribuíram para leitura, sobre a região do Vale do Contestado, suas relações de poder e forças intrínsecas a formação do território.

Trata-se de um artigo para fins acadêmico que apresenta o legado cultural presente entre gerações, de moradores da Região do Contestado, a partir de relatos bibliográficos e vividos

⁴ A lógica territorial na gestão das políticas sociais ministrada no 1º Semestre do ano de 2018 ministrada pelos Professores Drº Nilson Fraga e Drª Sandra Maria Almeida Cordeiro.

durante a convivência e passagem de 03 (três) dias em alguns municípios do Estado de Santa Catarina que marcam a história de genocídio sofrido e sentido, até os dias atuais.

Por fim, busca-se realizar uma breve análise entre o território marcado pela Guerra e a herança de um povo caboclo que se sente excluído, diante de um genocídio presente na história do País. Demonstrado através dessa experiência de campo a força cultural presente em cidades pequenas e com forte apreço pela história de seus antepassados.

Entre território, lugar e espaço territorial

Gottmann (2012) aborda para entendimento do território, como uma porção do espaço geográfico ou como uma extensão espacial de uma jurisdição de governo. Território para o autor é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo.

[...] Podemos, portanto, considerar o território como uma conexão ideal entre espaço e política. Uma vez que a distribuição territorial das várias formas de poder político se transformou profundamente ao longo da história, o território também serve como uma expressão dos relacionamentos entre tempo e política. (GOTTMANN, 2012, p. 29).

Assim, a luta por terras e seu espaço, seu local, habitat natural sempre foi de necessidade humana, para além de meios de sobrevivência, como no caso de moradia. Há necessidade da terra para plantio, para trabalhar e desenvolver a reprodução do seu trabalho, ou seja, espaço reprodutivo.

Em relação ao espaço Fraga (2007) enfatiza que é anterior ao território, assim o território se forma a partir do espaço e é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático, para o autor ao se apropriar de um espaço, o espaço se territorializa (FRAGA, 2007, p. 47).

Em relação ao território, Fraga diz que é:

parte de uma extensão física dos espaços, mobilizada como elemento decisivo no estabelecimento de um poder e controle. Portanto, território representa o ser, aquilo que constitui sua essência, o que está implícita em sua história, tanto negativa quanto positiva. (FRAGA, 2007, p. 16)

Por vezes, o território do outro faz parte de sua própria história, como destaca Ferreira (2014, p. 143) que o território é a prisão que os homens constroem para si, e não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço.

O território, para Queiroz (2014) *apud* Santos (2004) não é organizado somente pelo Estado, como também, não está restrito, à dimensão política do espaço. Logo, dá-se o sentimento de proteção onde fixa a vida em unidade social ou a construção social.

Por conseguinte, Haesbaert (2005, p. 39-40) sinaliza três vertentes de conceitos para território:

1) jurídicopolítica – definido por delimitações e controle de poder, especialmente o de caráter estatal;

2) cultural – visto como produto da apropriação resultante do imaginário e/ou “identidade social sobre o espaço”;

3) economia – destacado pela desterritorialização como produto do confronto entre classes sociais e da “relação capital-trabalho”.

O autor afirma que os mais comuns são posições múltiplas, compreendendo sempre mais de uma das vertentes e, portanto, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.

Para Saquet (2011) o território é resultado e determinante da concomitante territorialização, sendo produzido espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social e por suas respectivas territorialidades cotidianas. A territorialização significa:

apropriação social de um fragmento do espaço a partir das relações sociais, das regras e normas, das condições naturais, do trabalho, das técnicas e tecnologias, das redes (de circulação e comunicação) e das conflitualidades que envolvem as diferenças e desigualdades bem como identidades e regionalismos, historicamente determinados (SAQUET, 2011, p. 22).

Para Haesbaert (2005, p. 03), a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. No qual o território tem suas funções de simbolismo e relações funcionais, exercendo seu poder no espaço para além de produzir, realizar e manter seu espaço como lar, aconchego.

Logo, Santos (1996) diz que a identidade é o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence, o território é fundamento do trabalho, o lugar da residência, de trocas materiais e espirituais, e do exercício da vida (SANTOS, 1996, p.14).

O legado cultural na Região do Contestado

Acrescenta o autor que o mesmo pode ser também o lugar da resistência, da defesa, da luta pela sobrevivência. Não é um lugar qualquer, mas sim um lugar cheio de significados para aqueles que o constroem, que nele vivem.

Sabemos que o termo território tem o significado de pertencimento principalmente devido ao caráter de apropriação, reconhece como espaço de relações de poder, mas é palco das ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço.

Assim também é a desterritorialidade entendida como “perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de contradições capazes de desfazerem o território”. A re-territorialidade como a “criação de novos territórios, seja através da reconstrução parcial, de velhos territórios, seja por meio da recriação parcial, em outros lugares, de um território novo que contém, entretanto, parcela das características do velho território” (CORRÊA *apud* SANTOS, 2002, p. 252).

No processo de desterritorialização a dimensão política deve ser associada à dimensão econômica, visto que o domínio e apropriação do espaço promovido pelo dinamismo capitalista vêm promovendo rupturas danosas em prol da “moderna” economia globalizada. Desterritorializar uma população destruindo suas relações sociais, promovendo o rompimento da identidade e destruindo formas de organização social, isso nos levou a pensar o quanto a população cabocla do Contestado perdeu sua identidade suas terras naquela sangrenta e cruel Guerra do Contestado.

Breve relato de participação de lutas por seu território – Do Contestado

Neste campo de espaço geográfico, na extensão física dos espaços, como vistas de poder e controle, representando a essência de uma história, por vezes aprisionando o outro, pois faz parte de sua história neste sentimento de proteção, de luta e participação social que a Guerra do Contestado teve início em 22 de outubro de 1912 a 20 de outubro de 1916. Finalizando com um acordo de limites territoriais entre união de Estados: Paraná e Santa Catarina, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro RJ.

Figura 1 – Marco de Divisa: PR/SC 2018



Fonte: As autoras, 2018

Um genocídio cometido por militares do exército brasileiro, contra milhares de camponeses e caboclos de origem trabalhadora e humilde. Os militares impunham regras de territórios, como a lei, a ordem e a punição. Lutavam com canhões de guerra e granadas, artilharias e metralhadoras que levaram o povo caboclo a morte.

Devido à falta de regularização da posse de terras, houve a contestação contra a doação que o governo brasileiro fez a empresa “Lumber”, com a finalidade destes em explorar madeira, gerando conflitos e disputas entre os dois estados brasileiros.

Nota-se que com a chegada da Lumber o estágio de tensão e conflito passa a ser constante, isso parece mais evidente, quando se refere ao genocídio da Guerra, porém as relações absolutamente desarmônicas, entre população local (trabalhadores da empresa - caboclos e imigrantes acabocladados) e a Lumber, eram constantes e se qualificam enquanto produto da expansão do capital e seus rebatimentos, ao modo de vida e lógica do trabalho imposta pela empresa. (GEMELLI, 2017, p. 88).

O povo caboclo, quase sem defesa, lutou com espadas de madeiras e em seu tempo de guerra, teve seus representantes, como o Monge São João Maria⁵, Adeodato Manoel Ramos⁶,

⁵ Profeta do povo caboclo que trazia conforto espiritual.

Outras cidades que fazem parte do Contestado são: Porto União, União da Vitória, Matos Costa e Santa Maria, esta última a ser destruída pelo exército em 1915, local de campo amplo, onde possui uma vala com a previsão de 04 (quatro) mil mortos, onde tiveram seus corpos enterrados ou deixados pelo rio, que ficou banhado em sangue, o rio “lava tripa”, local conhecido também, como “Vale da Morte”.

Cercado por montanhas de aproximadamente 1.300 metros, tanto o Santa Maria como o Lava Tripa nascem nas proximidades, deságuam no Caçador Grande e deste no rio Timbó, sendo que tudo vai desaguar no rio Iguaçu, há quase cem quilômetros dali (FRAGA, 2015, p. 97).

Figura 1 - Roseira recordando “Maria Rosa”, Reduto de Santa Maria/SC



Fonte – Foto Autoral

Figura 2 - Entrada do cemitério dos Anjos



Fonte – Foto Autoral

Além disso, os municípios pertencentes ao Vale do Contestado são pequenos e não oferecem condições econômicas para grandes indústrias ou empresas que queiram investir. Trazem estigmatizados, impregnados a imagem de uma região marcada por sangue e por uma guerra “contra o exército” brasileiro, como uma negativa das décadas passadas, em não aceitar empresas que desfavoreçam a terra do contestado e a divisão de Estados.

Disputa de território e relação de poder: o legado cultural que permanece no Vale do Contestado

O território no Contestado representou luta de todos os caboclos que utilizavam a terra, que viviam da terra para reprodução de sua subsistência, que segundo Silveira (2009) *apud* Santos

(1994, p. 15) “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social”.

A relação de poder é uma relação entre pessoas, com capacidade de agir e produzir efeitos que pode se referir a indivíduos e/ou a grupos sociais, sendo a forma de violência utilizada contra o povo do Contestado. Em busca da posse de terras, para uma empresa específica, a empresa “*Lamber*” e a disputa da divisão de limites de municípios.

Trento; Ludka e Fraga (2014) relatam que as causas do embate foram várias, mas dentre elas destaca-se a luta pela posse de terras.

a questão de limites entre o estado do Paraná e Santa Catarina, a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, entre outros fatores extremamente complexos que desencadearam o conflito. O messianismo, a influência dos monges durante a guerra, foi o que proporcionou coragem ao caboclo lutar até a morte pelo seu pedaço de terra. (Trento; Ludka; Fraga, 2014, p. 289).

Brandão (2012, p.64), define o território usado como área de controle, um reflexo das relações de produção e da luta de classes, ocorrendo assim no Contestado, onde o lugar é o processo do indivíduo e como se sente.

Local onde ocorreu uma estratégia de controle territorial, a criação de novos tipos de território, uma desterritorialização e as novas formas de territorialização, uma multiterritorialidade (territórios múltiplos).

Após, diversas e incontáveis mortes, os caboclos tiveram que refazer sua vida, que ficaria pra sempre marcada com a história de um grande genocídio brasileiro. Um legado que será como uma herança secular, repassada de geração em geração. Os sujeitos estão vulneráveis as condições sociais, políticas, étnicas e econômicas, fixadas nesta fragilidade histórica. São agentes sociais, da própria história, ainda estão entre conflitos e resistências, marcados pela rugosidade do tempo.

Sobre isso Silva (2011) aborda que:

as rugosidades podem ser consideradas como expressão do conflito histórico e dialético estabelecido por uma urbanização que homogeneiza, ao mesmo tempo fragmenta e hierarquiza as condições de vida na cidade. (SILVA, 2011, p. 48)

Portanto há uma identidade cultural impregnada na alma dos caboclos, em seu olhar, devido à dimensão histórica simbólica e cultural, pois o valor pessoal e de gerações contidas em cada espaço vivido é memorável e imensurável.

O autor ainda relata que, Santos utiliza a palavra rugosidade como metáfora, para analisar os tempos passados e materializados nas formas do presente (SILVA, 2011, p. 15).

Desta maneira, pode referir-se as rugosidades como um processo neste conflito histórico que ocorreu no Contestado, pois segundo o mesmo autor:

ao mesmo tempo fragmenta e hierarquiza as condições de vida na cidade. Tais processos contraditórios não podem ser explicados por uma abordagem geográfica pragmática e/ou tradicional, presa somente na localização/descrição das áreas, e tampouco, engessada em periodizações dos momentos da urbanização da cidade (SILVA, 2011, p. 12)

São expressões no cotidiano que revelam aos habitantes das cidades afetadas pela Guerra, que impregnam as gerações a conhecerem um espaço que não é contado nas histórias de lutas do Brasil. São histórias que foram vividas por uma população enganada e ludibriada pela ganância humana.

Figura 3 - Caboclos do Contestado, em Timbó Grande/SC. Apresentando sua cultura através da música, de poemas, de hino, de teatro. E a cruz, representando a bandeira do Contestado (bandeira é branca, com cruz verde). 2018



Fonte: Foto autoral

O povo caboclo incute em conversas informais, na educação do povo que vive e nasce, nas novas gerações desde 1912, simbolismos que não deixa com que se apague o que foi vivido. Há simbolismos que faz a diferença ao povo caboclo, pois seu espaço é natural. São vividos com as marcas de um passado que está intrínseco em suas raízes e as diferenças de cidades próximas, são naturais para o simbolismo vivido pela guerra em seu Estado, em seu espaço.

Como se renovasse a cada teatro, a cada conversa, a cada visitante de sua história a guerra vivida. Tornou-se uma tradição, uma herança não quista, porém de grande valor pessoal. Dentre estes simbolismos fortemente está a bandeira do Contestado como o símbolo regional da luta e resistência, representada pelas cores branca, com uma cruz verde ao centro.

O Vale do Contestado tem uma paisagem inenarrável, verificam-se muitas áreas verdes, serras e ainda estradas de terra, região com algumas propriedades rurais, o que difere dos grandes centros urbanos, esses municípios possuem números significativos de habitantes rurais.

O legado cultural na Região do Contestado

Encontramos um alimento que é o pinhão, alimentando gerações e de rápido consumo, sapecado no chão com fogo. Toda região rica em árvores, principalmente araucárias. Momento impar foi participar do sapecado no chão, simbolismo de décadas cultivado até hoje no meio do seu povo.

Figura 4 – grande vegetação, verdes e Araucária, árvore símbolo do Paraná e do Contestado e o Pinhão sendo sapecado para consumo/Pinhão na brasa. 2018



Fonte – Foto Autoral

Outro importante destaque sentido durante as vistas refere-se ao simbolismo espiritual destacado na figura do Monge São João Maria, um profeta do povo caboclo, que aconselhava, abençoava, trazia bons fluídos, e para muitos, ele curava com plantas e ervas. Observamos a presença de diversas grutas e fontes com águas, que segundo relatos são curativas. Água pura, limpa e que os caboclos cultuam e cuidam dos locais ditos “sagrados”, ficou conhecido como “O Monge do Contestado”.

Lugares significativos que marcaram o Contestado, como também o Cemitério de “anjos”, hoje, cercado por pedras, marcado pela Guerra, porém contrastando com linda paisagem, a araucária o que confere ao lugar uma forte identidade. Concordamos com o Prof. Dr. Nilson Fraga quando esse afirma que não há como ir ao Contestado, falar com um cidadão, ver uma araucária que resiste ao tempo, sem sentir a alma que exala aquele território.

Nas cidades gêmeas Porto União e União da Vitória são marcadas por divisa de município e estados. “Porto União da Vitória, Paraná e Santa Catarina, duas cidades numa só – separadas pelos trilhos do trem e unidas por seus habitantes” (Fraga, 2015). Conhecida como “Praça do Contestado”, de um lado o Estado do Paraná e de outro, Santa Catarina, com suas bandeiras, a bandeira do município, estado e do contestado.

Figura 5 - Praça do Contestado com a bandeira ao fundo, na linha do Marco Divisório - Porto União/SC



Fonte – Foto Autoral

Mais de 100 anos de herança e tradição e a visão do Contestado atual – simbolismos.

O povo caboclo permanece no mesmo local, através de elementos que os unem neste lugar, devido à história de seu povo. Para Santos (2006, p. 39), um espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e de ações, não considerados isoladamente. Há uma rede entre eles, espaço que foi produzido e produtivo, com configurações territoriais.

O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Espaço este, territorial, que traz as marcas das comemorações que relembram a luta de seus antepassados, de forma a não permitir que fique no esquecimento do seu povo, mas uma lembrança viva daquela que foi a maior guerra de um povo, comemorada na Semana do Contestado⁹.

Há outras simbologias como romarias, cantorias, poemas e músicas e danças tradicionais da região que associam e mantem a tradição e o futuro da cidade.

O caboclo ficou representado de forma híbrida, algo ou alguém que não é puro, um povo ruim marcado por sangue. Assim, os municípios carregam esse estigma e a fama de “município

⁹ Semana do Contestado é relembrada anualmente, pelo povo caboclo. Não é uma forma de comemoração, mas a lembrança de uma Guerra contestada por filhos de gerações ali presente.

O legado cultural na Região do Contestado

ruim”. A administração pública busca formas e estratégias de manter viva essa memória, mas de levantar o potencial turístico desses lugares através de seu povo e suas tradições culturais. Uma resistência que persiste e não é atual, mas é levada devido à luta de seus antecessores, o que se percebe na subjetividade em cada olhar.

A parte cultural encontra-se nas cidades, por meio de seus contadores de histórias ou de museus históricos e antropológicos, que traz em seus livros, banners e memórias da marca do passado, no qual não fica ignorado o Contestado.

Figura 6 - Museu do Contestado em Caçador/SC.



Fonte – Foto Autoral

A guerra do contestado é um episódio complexo, pois é alimentado por vários fatores que se entrelaçam, sejam de ordem social, política, econômica, cultural, sejam de ordem religiosa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o contexto que esta população vive é o desafio. Pois, a concepção de território e de luta é fortemente presenciada.

Indivíduos que não se sentem parte do restante do Brasil, de seu próprio Estado (Santa Catarina). Porém, pessoas que não abandonam suas terras, por acreditar que ainda há um legado cultural, algo a que se fazer ou lutar, ainda que com o repasse de simbolismos em formas culturais.

Representam fielmente o contexto e repassam por gerações, em escolas e em festivais nos municípios. Municípios unidos, através de uma dor, de pessoas que perderam seus entes, perdendo assim, parte de sua história, que talvez pudessem ser modificadas, caso não houvesse tal genocídio, se as cidades não tivessem tanto cemitérios e crematórios clandestinos.

O território representa ao povo caboclo, uma quantidade de pessoas que se conhecem e que tem seus antepassados naquele local. Desta forma, não se pensa em sair em busca de outros ideais longe de seu Estado ou município. A visão do caboclo é se fixar em sua terra, seu espaço e ali, com suas origens dar continuidade no futuro e ser reconhecido como população forte e de fácil convívio. Longe das demandas da burguesia ou de demais políticas públicas e sociais, isto basta. Porém o que não basta é a versão de outros Estados do Brasil, de que a guerra por terras e a inclusão forçada de uma estrada de ferro, foi uma luta fracassada por parte da população e vencida pelo exército.

O olhar caboclo é olhar de luta e resistência. É olhar de quem quer sua história reconhecida e contada com certo orgulho para as futuras gerações. Certo orgulho, pois eles ainda estão em pé, ainda permanecem lutando, de maneira tímida, mas quando se expõem, mostram sua verdadeira garra, sua fala certa na história do Brasil, que pode até não ser lembrada em literaturas brasileiras para todo o País, mas serão constantemente repetidas, no Vale do Contestado, através de livros, artigos, teses, que contam a real história de seu povo.

Desta forma, toda história contada pelo povo caboclo, muito além de livros faz com que tal genocídio não seja entendido de forma natural, mas repassado o preço da ganância de uma sociedade política e burguesa, que não pensou em beneficiar os estados, mas beneficiar o próprio nome. O contestado permanece vivo e resistente por seus antepassados e para sua futura geração. Resistência é a palavra de ordem deste povo.

REFERÊNCIAS

BRASIL: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

BRANDÃO, Carlos. **Território e Desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp. 2012. p. 240.

CORREIA, Roberto Lobato. **Territorialidade e corporação: um exemplo**. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A. de; SILVEIRA, Maria L. Território Globalização e Fragmentação. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território, região, poder e rede**: Olhares e Possibilidades Conceituais de Aproximação. Artigo. Relações Internacionais no Mundo Atual, Curitiba, n 7, p. 9-31 – 2007. Curitiba. 2007.

_____. **Vale da Morte**: o Contestado visto e sentido “Entre a Cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná”. 2ª edição. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul Ltda. 2015. 155 p.

FERREIRA, Denison da Silva, **Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica**. Revista de geografia agrária. Pará. v. 9, n. 17, p. 111-135, abr., 2014.

GEMELLI, Diane Daniela. **O Trabalho no Contestado: Da racionalidade cabocla à lógica capitalista da Lumber**. Revista Geographia Opportuno Tempore. Universidade Estadual de Londrina. Volume 3, Número 3, 2017.

GOTTMANN, Jean. **A Evolução do Conceito de Território**. Boletim p. 545. Campineiro de Geografia, v. 2, n. 3, 2012. Tradução de Isabela Fajardo e Luciano Duarte. 2013. p. 523. Tradução de: “The evolution of the concept of territory”. 2012.

HAESBAERT, Rogério. **Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade**. Porto Alegre. 2005.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira. **Espaço geográfico, território usado e lugar: Ensaio sobre o pensamento de Milton Santos**. Porto Alegre, RS, Brasil. 2014.

SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SILVA, Ricardo Antônio Santos da. **Espaços-tempos, rugosidades e territorialidades na cidade capitalista**. Um estudo a partir da realidade do conjunto habitacional Jardim Caiçaras, Cidade Alta de Juiz de Fora – MG. Monografia. Fl 111. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2011.

SILVEIRA, Maria Laura. **Saúde, Desenvolvimento e Território**. 2009. p. 307. In: VIANA, Luiza d’Ávila Viana; IBÁÑEZ, Nelson; ELIAS, Paulo Eduardo Mangeon (Org.). São Paulo: Aderaldo & Rothschild. 307 p. 2009

TRENTO, Aline Eloíse; LUDKA, Vanessa Maria; FRAGA, Nilson Cesar Fraga. **Guerreiras imortais do Contestado, as que tudo viam e faziam durante a guerra de extermínio**. Revista Geographia Opportuno Tempore. Londrina, v. 1, p. 272-292, jul./dez. 2014.